



A exploradora do futuro

Pioneira da videoarte no Brasil, Regina Silveira fala de sua nova exposição, em Porto Alegre, diz que não existe artista sem domínio da linguagem e aponta a América Latina como a bola da vez do mercado

POR MARÍLIA KODIC FOTOS FÁBIO DEL RE

“A liberdade não é algo que nos é dado, mas algo que temos de conquistar.” A frase atribuída/creditada à suíça *object* Oppenheim, autora da obra *Object* (1936) – xícara, pires e colher revestidos de pelos exposta no Museu de Arte Moderna de Nova York –, encaixa-se perfeitamente quando se fala da carreira da artista plástica Regina Silveira. A radicalidade e a ousadia, principais qualidades presentes na obra, sua favorita, foram também as guias responsáveis pela liberdade conquistada por Regina ao longo de um caminho em que a linguagem é sobressalente, as plataformas são plurais e o tempo é sempre o futuro.

Aos 72 anos, a porto-alegrense que vive há 38 em São Paulo gosta de fazer hidroginástica, visitar a Pinacoteca e ir a restaurantes; lê Borges, escuta Beatles e assiste a filmes de Wim Wenders – mas só quando dá tempo. Isso porque Regina se dedica *full time* ao trabalho, o que sua agenda profissional, cheia até 2012, comprova.

Em ritmo constante e intenso de produção em seu ateliê, no fundo de sua casa no bairro do Sumaré, em São Paulo, ela não se lembra da última vez em que tirou férias. Diz que não precisa. Além disso, nunca quis ter filhos, pois “não dava tempo”. E pensa em desacelerar? “Quando precisar, eu paro, mas por enquanto não precisei. Tenho muito mais ideias do que vida pela frente.” Inspirada por uma gama de artistas que vai do pintor alemão Sigmar Polke ao jovem argentino Cristian Segura, Regina considera a arte não apenas um meio, mas um modo de mudar percepções. E isso ela faz com grande domínio.

Desenhando o princípio

Aos 9 anos de idade, a caçula de três irmãos, filha do médico Heitor e da dona de casa Julieta, já dava pistas da carreira que seguiria, desenhando retratos que logo eram emoldurados e pendurados na parede pela mãe admiradora. Na adolescência, teve aulas particulares de desenho e pintura e, em 1959, aos 20 anos, concluiu o bacharelado em pintura no Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Entre 1960 e 1966, fez ilustrações para o jornal *Correio do Povo*, aonde ia semanalmente e onde se sentava para conversar com o poeta Mario Quintana, cujo trabalho admirava. Além disso, ilustrou o primeiro livro de Moacyr Scliar, *Histórias de Médico em Formação* (1962, Editora Difusão de Cultura).

Após se formar, Regina continuou a frequentar a UFRGS, cursando uma disciplina de aperfeiçoamento e ocupando o cargo de colaboradora de ensino em algumas aulas. Na mesma época, ingressou em um labirinto oposto ao de ensino formal com que estava acostumada: o Ateliê Livre. Fundado em 1961, o espaço tinha como intuito, como dizia na época seu fundador, o pintor Iberê Camargo, espantar o marasmo cultural do Rio Grande do Sul. Circulando pelos dois espaços simultaneamente, Regina nunca participou do confronto: “Eram matizes profissionais que nem eram da minha geração. O conflito era mais na mídia do



Em *Fabula* (2008), um aparelho de áudio emite sons de mosquitos e helicópteros

que na realidade. Estava interessada mesmo era na linguagem, em aprender”, diz. E, ao lembrar do “mestre” Iberê, um sorriso natural e sincero vem ao rosto.

“Ele gostava de ter as pessoas em volta dele, reclamava quando não aparecia para tomar um café. Tínhamos uma relação de amizade mesmo, convivemos por muitos anos. Até dei um gato para ele e para a Maria, sua mulher”, diz ela, que relembra o dia em que levou um choque durante uma das aulas. A artista conta que uma aluna estava pintando com um pincel de pelos, o que estava prejudicando a pintura. Iberê reagiu jogando o pincel pela janela e pintando por cima com o pincel apropriado, de cerdas duras. “Em 15 minutos, havia feito uma pintura linda”, diz.

Tábula rasa

Não foi só o pincel da aluna que foi jogado pela janela. Ao concluir os estudos,

Regina sentiu que não estava encontrando o encaminhamento que queria ter na profissão. Para tentar achar um rumo, foi trabalhar com práticas terapêuticas no Hospital Psiquiátrico São Pedro, como sugestão de seu pai, que era amigo do diretor. “Encontrei os pacientes jogados e resolvi ficar para ajudar. Nessa época, meu trabalho mudou. Fiz figurações muito perturbadoras por causa da impressão forte daquele lugar”, conta.

Após passar dois anos no hospital, Regina voltou para o Instituto de Artes como assistente de pintura – condição na qual ganhou, em 1967, uma bolsa de estudos para estudar história da arte no Instituto de Cultura Hispânica da Faculdade de Filosofia e Letras de Madri, na Espanha. Ironicamente, foi então que deixou de lado a pintura: “Encontrei na Europa modos de vida, culturas e poéticas diversas daquelas que eu conhecia. Percebi que tinha de entender e estudar outras coisas, como uma tábula rasa, como uma folha em branco. Joguei tudo pela janela”, diz.

Ao entrar em contato com a arte contemporânea experimental numa época em que a contracultura estava no auge, Regina decidiu que iria fazer parte daquele movimento. Visitando exposições pela Europa, deparou com obras que iam desde a arte concreta até a arte digital, que, segundo ela, não tinha a mais vaga ideia de como eram produzidas. Assim, com o estímulo de experimentar linguagens novas, o divórcio com a pintura concretizou-se por meio de uma série de colagens geométricas, com recortes de papéis coloridos, que apresentou na Galeria Seiquer, em Madri, em 1967.

No ano seguinte, voltou ao Brasil com a intenção de se fixar em Porto Alegre, mas logo recebeu uma proposta para lecionar na Universidade de Porto Rico, onde ficou por quatro anos. Lá, iniciou uma produção voltada à manipulação da imagem, como na série *Laberintos* (1971), com imagens amparadas na técnica da perspectiva. Quando voltou ao Brasil novamente, seu trabalho estava irreconhecível. “Recebi recentemente um e-mail de um brasileiro que comprou em Nova York um trabalho meu de 1966, dizendo que não conseguia relacionar aquilo comigo, com o trabalho que faço hoje. Pensei: agora vou ter de explicar para ele, vai dar uma trabalhadeira!”, brinca.

Fora do cubo

De volta ao Brasil em 1973, Regina foi dar aulas em São Paulo, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e na Fundação Armando Álvares Penteado (Faap). Foi na academia que encontrou o apoio – moral e financeiro, por meio do suporte de agências de pesquisa – para desenvolver seus trabalhos livremente. “Não tinha mercado de arte. Ainda bem. O mercado pode de muitas maneiras limitar ou direcionar uma produção. A universidade proporcionou a liberdade”, diz.

Numa época em que poucos artistas tinham diploma, Regina foi uma das primeiras a concluir mestrado e doutorado na área, em 1980 e 1984, pela ECA/USP. Quando questionada sobre o paradoxo de ser, ao mesmo tempo, uma figura da academia e uma artista transgressora e anticonvencional, responde: “Acho que a prática implica a execução teórica. Não existe um artista por pura intuição, é preciso também manejar a linguagem”.

E foi o que fez com a videoarte, técnica na qual foi pioneira no Brasil. Seu primeiro trabalho na área foi *Artifício* (1977), com duração de 1 minuto, em que a palavra-título se deteriora gradualmente até desaparecer. Outras obras importantes são *Sobre a Mão* (1981), com 3 minutos e 40 segundos, em que uma sucessão de mãos se empilha e forma torres que, ao desaparecerem, mostram um gesto obscuro, e *Morfás* (1981), com 7 minutos, em que objetos banais desfilam horizontalmente e em percurso curvilíneo, parecendo agigantados, ao som de um ritmo africano.

Em 1997, desenvolveu uma animação de rua intitulada *Super-Herói (Night and Day)*, em que uma projeção a laser de um super-herói transitava pela Avenida Paulista, em São Paulo. Em 2001, outra figura luminosa de Regina transitou pela cidade: *Transit*, a mosca gigante. Sua intervenção mais recente na metrópole foi a *Tramazul* (2010), em que revestiu as janelas do Museu de Arte de São Paulo (Masp) com imagens de nuvens costuradas sobre a trama de um bordado em grande escala.

“Essas figuras entram na epiderme da cidade, como um fantasma, e provocam diferentes reações. Adoro poder fazer isso para um público que não sei e nunca saberei quem é. São trabalhos que saem totalmente do cubo branco

[conceito da galeria moderna como sendo um cubo de janelas lacradas, pintado de branco, com luz vinda do teto]”, diz.

Tudo ao mesmo tempo agora

Mas foi dentro do cubo branco que Regina escolheu realizar a mostra mais recente e inclusiva de sua carreira, intitulada *Mil e Um Dias e Outros Enigmas*. Sempre preocupada com a relação com o espaço arquitetônico, foi em sua cidade natal, Porto Alegre, na Fundação Iberê Camargo, lugar que tem significados além da arquitetura marcante, que quis realizar a exposição. Do lado de fora, a frente do prédio já denuncia que Regina Silveira passou por ali. Desenvolvida especialmente para a ocasião, a obra *Atractor* (2011) traz a palavra “LUZ” inscrita em vinil espelhado na fachada do edifício, atraindo e refletindo a luz da cidade. Outra obra nova é *Puncto*, uma grande esfera pintada de preto fosco separada em 1 milímetro da parede, com LEDs iluminados em seu interior.

“Há trabalhos que precisam de um silêncio e de um lugar especial. É uma exposição em que é possível ver tudo ao mesmo tempo, em que se cruza um diálogo entre as obras para mostrar como um trabalho se junta a outro. O que eu acho

Da série *In Absentia* (1993, retrabalhada em 1996), em homenagem à xícara de Meret Oppenheim



“Acho que a prática implica a execução teórica. Não existe um artista por pura intuição, é preciso também manejar a linguagem”



Aparições soltas na epiderme da cidade

À esquerda, a obra *Atractor* (2001) na fachada da Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, e a intervenção *Tramazul* (2010), revestindo o MASP em São Paulo. Abaixo, o *Super-Herói* (*Night and Day*) transita pelas ruas paulistas. Confira mais da obra de Regina Silveira no site www.revistacult.com.br



é que não podem existir regras”, explica Regina, que cita as bienais de arte como modelos em que existem discussões nessa esfera: “Diz-se muito que esses espaços podem implodir, por não serem tão inclusivos. Mas acho que são eventos globais fantásticos que proporcionam um trânsito grande de obras e pessoas”.

No ano passado, ao fazer uma exposição na Polônia, Regina visitou a bienal de arte do país, na cidade de *Lodz*. Lá, deparou com uma exposição de fotografias dos anos 1970 e comoveu-se ao perceber a preocupação da bienal em conservar o passado: “Foi uma coisa nostálgica e linda ver as imagens sem essa definição estúpida das fotos digitais. Sempre gostei do futuro, mas o que eu acho interessante é que uma linguagem contamina a outra: tudo aflora e se mistura”, diz.

Sobre o panorama atual da arte no Brasil, Regina desdobra-se em elogios. Rica, original e de muita qualidade, a produção artística brasileira em sua opinião é promissora, o que é, em grande parte, resultado da profissionalização do sistema de arte no país – para ela, fruto da geração anterior que soube plantar bem. E canta a bola: a América Latina é o lugar da vez no mercado de arte. ■

Mil e Um Dias e Outros Enigmas

Onde: *Fundação Iberê Camargo* – Av. Padre Cacique, 2.000, Porto Alegre (RS)

Quando: de 16 de março a 29 de maio, de terça-feira a domingo, das 12h às 19h

Quanto: entrada franca

Info.: tel. (51) 3247-8000, www.iberecamargo.org.br

fnac recomenda



Preço Verde Fnac: uma seleção de livros em lançamentos com **20% de desconto**

Procure por esse selo e aproveite.

Brasília ParkShopping | Belo Horizonte BHSshopping | Campinas Parque D. Pedro Shopping | Curitiba ParkShopping Barigui | Porto Alegre BarraShoppingSul | Ribeirão Preto RibeirãoShopping | Rio de Janeiro BarraShopping | São Paulo Pinheiros | Paulista | MorumbiShopping

Compre pelo telefone - 4003.9595 - de segunda a sábado das 9h às 21h Fnac.com.br - Sua Fnac 24 horas por dia

